



CUSTO DE VIDA

Gasto paulistano sobe 26,76%

A variação do mês de junho do índice de custo de vida da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), da USP, atingiu 26,76%, o mais elevado da história da entidade, contra 26,49% em maio passado. Com isso, o índice da Fipe (válido para famílias residentes no município de São Paulo com renda entre 2 e 6 salários mínimos) acumulou 164,86% no primeiro semestre deste ano e 228,44% nos últimos 12 meses.

Os dados mais importantes do mês de junho são: aluguéis terem disparado com uma variação de 69,30%; e os dez itens que mais contribuíram para o elevado índice do mês estarem, de uma forma ou de outra, ligados à política de preços administrados do governo. Na verdade, 30% desses 26,76% foram causados diretamente pela elevação de insumos governamentais, tais como gasolina, loto, luz, água, esgoto, loteria esportiva, ônibus urbano, leite especial e pão francês (com o fim dos subsídios), entre outros.

Se a esses itens ligados ao governo fossem acrescidos os 60,30% dos aluguéis, a influência no índice do mês subiria para 46,0%, segundo informou Juarez Rizzieri, coordenador do ICV-Fipe. No caso dos aluguéis, Rizzieri observou que a pressão poderá diminuir em julho próximo, porque abril-maio-junho foram os meses em que a maioria dos contratos congelados durante o Cruzado I foram "realinhados" ou acertados.

Essa variação mensal — a maior desde 1939 — também foi pressionada pelas **despesas pessoais** que ganharam da inflação (32,77%) e **habitação** (48,23%), onde o subitem principal é aluguéis, **educação** (31,42%) e **transporte** (24,36%). **Saúde** contribuiu com 19,03%, **vestuário** com 10,42% e **alimentação** com 19,26% —, estes últimos, praticamente, sem repor a inflação do período, basicamente

"puxados" para baixo pela queda na demanda ou por terem tido seus preços congelados "por cima".

No caso de alimentação, Rizzieri explicou que o índice foi "puxado para baixo", pela queda nos preços das carnes (-0,21%) — falta de consumo — e hortifrutigranjeiros, que subiram menos que a média (-19,6%), enquanto os semi-elaborados cresceram 15,9%. Já o arroz e feijão empacotados avançaram, respectivamente, 35,3 e 31,7% em junho, portanto além da inflação. Os alimentos industrializados também foram os responsáveis por um "empurrão" para cima do item alimentação (30,9%). Outros: panificados (56,5%), derivados de leite (26,9%) e carnes (18,40%).

Com relação às despesas pessoais (32,7%), Juarez Rizzieri observou que as "jogatinas" (loto, esportiva, etc) de um lado, mais um avanço de 32% nos produtos de higiene e beleza, de outro, garantiram o índice elevado. Em habitação, além do aluguel, artigos de limpeza (35,81%) ajudaram a "puxar" o índice. "Notamos que desde março passado esse subitem vem subindo de preço nos supermercados. Ou os supermercados estão repassando custos ou tentando realmente tirar vantagem da situação", afirmou Rizzieri.

Além disso, o coordenador do ICV-Fipe afirmou que a ligeira retomada nas vendas do comércio, verificadas nas últimas semanas, ainda não pode ser considerada uma tendência. Para Rizzieri, esse avanço se deve mais ao gatilho de maio e ao medo de um descongelamento a curto prazo (antecipando compras), do que uma recuperação efetiva do mercado. Contudo, o economista da USP acha que o governo tem agora uma chance para "respirar", podendo mesmo adiar medidas de reativação do consumo de investimentos públicos até o panorama ficar mais definido.